



Caderno

de

Palavras

4

*Caderno
de
Palavras*

4

Agosto de 2009



Em um caule vazio

Quando tudo parece só

Nasce uma folha

(Antonio Ayrton)

A reprodução total ou parcial de qualquer texto desta publicação, por qualquer meio sem autorização por escrito dos autores, constitui violação da:

Lei de Direitos Autorais nº 9.610/98.



| | |
|--|----|
| Antonio Ayrton P. da Silva | 34 |
| Briga com Palavras..... | 34 |
| Folha Seca | 36 |
| O que acontece?..... | 38 |
| Arthur Jaak Wilfrid Bosmans | 7 |
| Desvendar – te a mulher | 7 |
| Futuro conjugado..... | 8 |
| No encontro de nós dois | 9 |
| Celeste | 5 |
| As cores | 5 |
| O Cais | 6 |
| Celina Vasques | 18 |
| Era uma vez..... | 18 |
| Eternamente | 20 |
| O Tempo | 19 |
| Cinthia Saraiva | 40 |
| Obssessão de Escritor | 42 |
| Sem título..... | 41 |
| Verdadum Est Quase Desejaum Verdadum Est | 40 |
| Gilson Costa | 43 |
| Palavras..... | 43 |
| Jessyllene | 22 |
| Ideologicamente Cazuza..... | 22 |
| Joselma de Vasconcelos Mendes..... | 24 |
| Apenas ser | 25 |
| Conexão | 24 |
| Vidas são como música | 26 |
| Marcia Portella | 15 |
| Amarras | 15 |
| Compondo | 16 |
| Vida | 17 |
| Marcus Vinícius Araújo Pereira | 30 |
| Um tributo a natureza | 30 |

Caderno de Palavras 4

| | |
|--|----|
| Marilda Corrêa..... | 27 |
| Carinhos de Deus..... | 27 |
| Há noites que se vestem de pesadelo..... | 29 |
| No relento | 28 |
| Rossana Fidalgo..... | 31 |
| Grão de Poeira | 33 |
| Não tenho tempo a perder..... | 31 |
| Poesia Viva..... | 32 |
| Syl Signoretti | 10 |
| Alma | 12 |
| Amora | 11 |
| Quando eu era pequena | 10 |
| Walfredo Oliveira da Silva..... | 13 |
| Uma Canção | 14 |
| Uma Estrela | 13 |



As cores

19 de agosto 2009 às 2:35

Azul é calma, é mar, oceano
O horizonte, o canto das águas

O amarelo, é areia
Conforto, aconchego
Calor do sol amigo

O Verde é a montanha, os campos sem fim
A criança que corre e mora dentro de mim

O vermelho é a paixão
Que me queima coração
E que faz de mim uma canção

Azul, amarelo, verde, vermelho
são cores de São João
da festa e das crianças
dos namorados e de minhas lembranças

O Cais

19 de agosto 2009 às 2:24 no /a>

A noite me deu medo
Com seus mistérios
Olhei para o céu
Não vi estrelas nem lua

Sai sozinha na rua
Havia sombras e vento
Andei até o cais
E chorei meu lamento

Dormi na areia fina
o sol nasceu e me sorriu
senti-me como uma menina
Em fim o dia se abriu

Quero ficar para sempre aqui
Ver o barco que vai e vem
O mar me quer bem
E o barulho da rede do pescador

Esse é meu mundo
Na areia branca dos peixes
Na voz dos meninos que brincam
Na certeza da vida sem escuridão

Arthur Jaak Wilfrid Bosmans
Belo Horizonte / MG

Desvendar - te a mulher

7 agosto 2009 às 18:18

Percorro em deslizantes carícias
Teu perfil -silhueta, em noite da grande lua
Deitados em lençóis de perfeitas ondulações
Bordados com brilhos abissais, em cenário de prata.

Momento -silêncio de música etérea
Escuto o perfeito encanto do teu desejo.
É pequeno, suave e tímido, o toque de teus pés
Num acolher que me faz sentir que me queres teu.

Percorres ainda em pequenos delírios
Em desejo ardente de ser mulher
Buscando meus segredos desvendar
Sem abrir a guarda, de teus contidos recatos.

Se refazem sabores dos perdidos inícios
Nos lençóis já em dobras menores
Onde os corpos já desnudos se bordam entre si
Na busca do que se torna apenas outro ensaio.

Desejos contidos pelas velhas lembranças,
Se revelam num súbito desfazer de algumas carícias
E no inquieto e incontido sentir-se mulher
Ainda escondes o desvendar – te inteira.

Sufocas em beijos teus sussurros de esperado prazer,
Que no mais perfeito entrelaçar de nossos corpos,
Te retesas e te entregas no mais doce e perfeito delírio,
Quando enfim te fazes mulher naquele que é teu homem.

Arthur Jaak Wilfrid Bosmans
Belo Horizonte / MG

Futuro conjugado

7 agosto 2009 às 18:13

De virtudes e cumplicidades se refez passados
Nunca como o presente vivido em tantas agonias

Passado de glória do sangue inocente
Se é que possa existir algum sangue culpado.

Desfez-se a humanidade em pretéritos inacabados
Em mais do que perfeitos sinais de decadência

De tudo que construímos no presente imperativo
Sem nenhuma importância do afirmativo ou do negativo,
Desde que o imperfeito conceda lugar à desesperança.

Mas jamais se esquece dos inesperados intransitivos.
Que tardam aconteceres e precipitam o final das histórias.
Apenas para se fazer Verbo e voltar a existir entre nós.

E assim já sinto saudades.

Saudades do futuro.

Arthur Jaak Wilfrid Bosmans
Belo Horizonte / MG

No encontro de nós dois

7 de agosto 2009 às 18:16

No encontro de nós dois
Despi-me das armaduras e me revesti de desapegos
Não te queria. Pra que te ter?
No encontro de nós dois era importante que continuássemos dois
Não encontramos pedaços perdidos de nós
Encontramos inteiros que podemos amar.

No encontro de nós dois
Abriu-se uma fenda na paisagem daquele por de sol
Não te queria em despedidas nem mesmo em reencontros
Cada amanhecer me pertencia e eu te oferecia em bandejas,
Ainda na cama, os primeiros raios da luz.

No encontro de nós dois
Teve lua, teares de estrelas, e convite pra ser feliz.
Beijos com um só riso, e me aconcheguei logo, em quase nada.
E que era tudo.
Me desfiz em lágrimas, e colhi-as nas mãos,
Só pra jogar pro alto evê-las se transformando em brilhos.

No encontro de nós dois
Grandes cavalos alados e pequenas gotas de vento
Transformavam cada palavra em vestimentas de ternura.
Foi assim que se deu em mágicas, aventuras, e sonhos
O encontro de nós dois.

Syl Signoretti
Itajubá / MG

Quando eu era pequena

15 de julho 2009 às 10:56

Quando eu era pequena...
E engatinhava na relva,
A cabeça de encontro ao verde,
O joelhos procurando o infinito;

Quando eu era pequena...
O céu era tão grande!
As estrelas, desejo de liberdade,
Bonecas, sonho e felicidade;

Quando eu era pequena...
Andava de salto alto,
Amarrava lençol na cabeça,
Tinha cabelo longo imaginário;

Quando eu era pequena...
Doce de leite era arroz com feijão,
Goiabada com queijo, refeição,
Chocolate no cofre, jóia preciosa;

Quando eu era pequena...
Papai Noel vinha pela chaminé,
Presente, a família reunida,
Amor, era paçoca;

Quando eu era pequena...
Tinha pressa em crescer,
Palhaço sempre sinônimo de alegria,
A vida um arco-íris;

Quando eu era pequena...

Syl Signoretti
Itajubá/Mg

Amora

15 de julho 2009 às 11:01

Sou fruto da amoreira
Lânguida com suco de carmim
Doce
Rubra, sou energia
Sou fruto da amendoeira
Sagrado
Por Deus esculpido
Revelado
Sou fruto do limoeiro
Néctar ácido que cura
Cheiro de frescura
De banho, fonte viva
Água de laranjeira
Sol entre vales
Sou fruto da macieira
Tentação
Sou fruto da Terra
Alucinação
Mel de flores silvestres
Sou campo em flor
Sou seu amor
Tortura e louvor
Vertigem
Fruto em cor
Lua em serra
Mar no céu
Luz da vida
Amor em pétalas
Pingos de chuva
Sou eu a menina que te procura.

Syl Signoretti
Itajubá/Mg

Alma

26 de julho 2009 às 16:10

Há um vazio em minh'alma
Surge da covardia,
Do momento drama,
Rebeldia!

Há um vazio medido pelo desamor,
N'alma aflita
Expressa pela dor
Apatia!

Há um vazio subtraído do nada
Da verdade expressa
Resposta guardada
Letargia!

Há um vazio secreto,
Emoldurado, amarelo,
Uma certeza existente,
Sinastria!

Há um vazio no amor,
Que envolve e aquece
Sob o frio cadente, universo...
Estrela, magia, cor!

Walfredo Oliveira da Silva

São Paulo/SP

Uma Estrela

6 julho 2009 as 21:21

Um brilho divino veio do céu estrelado
Chegou a mim em forma de recado alado
Aqueceu meu coração frio,
Invadiu-me com a força de um rio.

Conhecendo a face bela do AMOR
Entregando-se a alegria e a dor
Contemplando uma ESTRELA lá no céu...
Em sua frente eu sou seu réu.

Minhas palavras traçam meu AMOR
Você consegue sentir este calor?
Meus versos esculpem sua bela forma
Tu és o nascer de uma aurora.

O tudo e o nada, o certo e o errado
Apaixonar-se, entregar-se, ser amado
A incoerência, a razão, AMAR
Se enlouquecer, enfraquecer-se, se apaixonar.

Sonhos ferventes dentro do coração
O nascimento da semente de uma paixão
A luz da ESTRELA lá no céu...
Prendeu-me numa prisão em forma de véu.

Isso me completa, isto é certo...
Estou te esperando com o braço aberto...
Para completar minha lacuna
Você minha bela cura.

Walfredo Oliveira da Silva
São Paulo/SP

Uma Canção

28 de junho 2009 as 21:38

Nesta caixa exígua de sonhos
Numa semi-solidão de pensamentos
Deitado no ouvinte de meus dias tristonhos
No meu cubículo invisível de lamentos.

Uma canção de tempos passados
A mensagem de um fim inesperado
Nas asas de pensamentos alados
Caem gotas de gosto salgado.

A canção prossegue seu caminho dilacerante
Continua incólume a alma que a houve
Na descida da gota de orvalho errante
O sofrimento de quem a ouve.

Mais tentaram descer pelo mesmo rio,
Porém ela se foi deixando um fio,
Um fio de tristeza nestas feias alagadas...
Hoje, as estrelas estão apagadas.

Maggot 515

Marcia Portella
Goiânia / GO

Amarras

6 de julho 2009 às 21:24

Prisioneira de mim
tentoo
soltar as amarras que prendem
minhas asas
meus punhos
abrindo o silêncio
com meu grito ante o poder
de ser ou estar

Fujo de mãos que prendem
manipulando cordéis
Entro no jogo da existência
onde a lâmina cortante da espada
atravessa o portal da vida
libertando a loucura envolvida
em rubro destilar

Saio da caverna escura
da memória e refeita
em alma refratária vou
de encontro ao sol vermelho,
imponente

Com a força da explosão
torno-me partículas de
um universo enlouquecido
em qualquer lugar do infinito
em constante mutação

Marcia Portella
Goiânia / GO

Compondo

30 junho 2009 às 20:00

Começou com um poema
devagar traçado em letras
misturando notas
tirando sons em breves solfejos
tecendo melodias
em notas de sonhos

Sendo partitura
sinto seus dedos virando
minhas paginas
Seus olhos cravados em mim
buscam à música
Correndo em teclas
tocando em cordas

De improviso
uma sinfonia corre em acordes
Magistrais
Infinitos
Sob o domínio do maestro
Afinada,regida,
orquestrada em ritmo
alucinante
Chove lá fora

Marcia Portella
Goiânia / GO

Vida

24 junho 2009 às 20:10

Pode imolar, apedrejar
Não sou mártire ,apenas
quem tirou o véu
e disse não

Viajo no tempo há séculos
Sou mito transfigurado em
pecado eterno
Valquíria em seu cavalo alado
recolhendo despojos
guerreiros
Medusa presa e desfigurada
com a maldição no olhar

Fui queimada como feiticeira
Castrada em meus desejos
Guerreira,santa Madalena
A que invoca nos santuários frios
à sombra das velas
Que blasfema nas ruas consumida
na escravidão da noite

Tigresa de garras afiadas
Santarrona dos conficionários
Beata enclausurada em desejos
A face oculta do mistério
O único mortal que dá a luz
ou a escuridão.....

Celina Vasques
Manaus/AM

Era uma vez...

1 abril 2009 às 20:31

Um grande amor
que me dizia palavras ternas
acalentava e no aconchego
entre beijos
e abraços apertados
falávamos de dias felizes
de nossos sonhos e
fazíamos planos à beira mar!

Relembro
nossos jantares perfeitos
à luz do candeeiro e um
pouco do luar...
As estrelas brilhavam
eram cúmplices de nossas
risadas...nem sabíamos cozinar!

Dedilhavas no violão serenatas
cantigas de amor
que eu vivia a cantar
E ali deitávamos na areia
abraçados
esquentando-nos à fogueira
ouvindo o marulhar do mar...

Foram dias inigualáveis
hoje me resta a saudade...
daquele amor de verdade
partiste nem avisaste
me deixaste a chorar!

Vejo nossa casinha
abandonada onde antes
passarinhos cantavam e
a felicidade fazia morada
Esqueceste de voltar!

Celina Vasques
Manaus/AM

O Tempo

1 abril 2009 às 20:21

Rosto colado à vidraça
vejo a chuva fininha que cai...
docemente molha a relva verdinha e
dá vida ás flores do campo!

Lá longe as montanhas
paisagem fantástica
quem sabe posso subi-la levando
meus sonhos
ver florescer os lírios e encontrar
os ventos elíseos
na esperança de sentir
a misteriosa sensação
do renascer das cinzas...

No silêncio da solidão
de meu quarto
faço um balanço de mim
de tudo que vivi e quem
sabe o que ainda tem por vir?

Sentimentos esquecidos
no tempo que passou
- e eu não vi -
Não me dei conta das trilhas
longos caminhos percorridos
sentei-me á margem da estrada
e a vida passou por mim!

Celina Vasques
Manaus/AM

Eternamente

1 abril 2009 às 20:13

Os dias passam longos
tristes...arrastam-se...
olho o céu cinzento...
a neve cai!

Quero-te ao meu lado
estou sozinha
há muito tempo
anseio por ti ...e não vens...
não mais virás!

Olho a neve pintando o verde
de branco
nas flores, nas árvores...
as montanhas ao longe
me dão a impressão
de infinito
do inatingível
os dias passaram...não viste...não vi
contigo levaste os sonhos, a primavera
e todas as estações...ficou o inverno!

Partiste
deixando-me a saudade
dos dias felizes
...dos risos...
dos teus beijos...teu sorriso...
teu cheiro
Eu queria tanto dizer-te o quanto
te amo
ainda te amo...
e quanto te amei!

Celina Vasques
Manaus/AM

Uma brisa fria envolve
meu corpo sinto como
se estivesses aqui
vejo teu vulto...
uma canção
dedilhada ao piano como se
tocada por anjos
a inundar de saudades
meu coração!

Mas devo ficar...esperar...
não sei mais por quanto tempo
até um dia eu
poder encontrar-te
para novamente amar-te
eternamente...eternamente!

Jessyllene
Parnaíba, PI

Ideologicamente Cazuza

13 de agosto 2009 às 22:27

Cazuza ideológico,
Apareça e abra a mente do nosso povo.
Tire-nos do pensar vegetativo
E faça-o mutante, a idealizar de novo...
Faça-o sair do egocentrismo
Faça-o pensar em nossa nação.
“Ideologia, eu quero uma pra viver.”
Cadê o nosso ideal evolutivo,
Voltamos no tempo, regredimos.
Transgredimos as leis naturais,
Quando perdemos nossa capacidade de lutar,
Por um ideal valorativo,
Para o bem futuro do nosso povo.
“Ideologia, eu quero uma pra viver.”
Acostumamo-nos, tornamos vegetais.
Perante a nossa raça comodista,
Enfraquecida por ideologias torpes,
Por não dizer da politicagem.
“Ideologia, cadê você!!!”
E se abro a minha voz,
É num motivo de esperança,
De acordar esta pátria,
Diante das circunstâncias.
“Ideologia, abraça e vem nos vê!!!”
Esquecemos nossas forças,
Perdemos a voz rouca,
Que antes gritava enaltecida,
Pela ação que se fazia.
“Ideologia, me faça crer!!!”
Que somos capazes de tudo,
Basta à vontade querer,
Sair deste bálsamo impuro,
Que nós acostumamos a viver.
“Ideologia, nos mostra de novo a viver!!!”
Usufruíram da nossa fé
Usurparam a nossa esperança,

Jessyllene
Parnaíba, PI

Iludirão-nos com fatos infames,
Nos abordaram para a libertinagem.
“Ideologia, eu quero outra vez a ter!!!”
E o que nos tornamos? ¬ Um nada.
Para o quê nós lutamos? ¬ Para o nada.
Do que vivemos? ¬ De nada...
Pois o nada tomou nossas vidas
E para o nada perdemos nossa ideologia,
Agora é hora de enfrentarmos,
A nação nada que guia nossas vidas,
“Ideologia, eu quero uma pra viver.”
“Ideologia, eu quero uma...PRA VIVER!.”

Joselma de Vasconcelos Mendes
Vitória / ES

Conexão

6 de agosto 2009 às 11:55

Existe um estado de felicidade
Intima e pessoal
De natureza espiritual
Que se experimenta
Ao contato sincero,
Puro ato de fé,
Da criatura com o seu Criador...
Nesses instantes de conexão plena
A alma asserena
E imersa em amor
Delicia-se
Volita, flutua,
E pode conceber
O que seria a imensa alegria
De uma comunhão perfeita
Resultado da vibração do amor
Incondicional, sem peias,
De que somos alvo
Desde antes de nascer
Infinitamente
Por Aquele que quis
Que cada um existisse
E espera que encontremos
A porta certa

Joselma de Vasconcelos Mendes
Vitória / ES

Apenas ser

31 de julho 2009 às 10:49

Como um sonho de Ícaro
Nessa tarde morna
Ecoa meu grito afônico
Só o ouve
Quem tem ouvidos de ouvir
Está mais na sintonia
Que nas ondas sonoras
Levadas pelo ar
Meu grito é tão original
E tão igual às dores de todo mundo
Porque todos nos irmanamos
Por causa da morte
“Num só bando de condenados”
Como disse Suassuna
No seu “Auto da Compadecida”
E eu direi: Maria, compadecei-vos de nós
Pobres, vestidos de nobres,
Com cheiro de perfume francês
Nos amparai
Deuses do Olimpo
Nesse vôo de asas de cera
E rotas vestes!
Porque para cumprir a profecia
Que Jesus dizia; “Voz sois Deuses”
Há tanta estrada a percorrer
Haveremos de ser antes
Semelhantes a crianças inocentes e puras
Ou cordeiros em meio a lobos rapaces
Quem haverá de percorrer tal caminho
Sem sofrer?
Quem aprenderá mais depressa
A apenas Ser?

Joselma de Vasconcelos Mendes
Vitória / ES

Vidas são como música

4 de julho 2009 às 0:20

Vidas são como música
Únicas e especiais
Mananciais de sons
Para encantar em derredor
Para preencher vazios
De sons fundamentais
Ao bem estar
Assim, cada um ao nascer,
É uma sinfonia de Deus
Que alegra os seus
E pode transformar
O mundo para melhor
Pelo simples fato de existir

Carinhos de Deus

25 de junho 2009 às 22:30

Neste momento
onde uma onda de melancolia
me invade e só
as palavras acompanham-me
neste imenso vazio de desencontro
Busco o calor nas rimas
nos versos e nas prosas
entre meus devaneios
e as gotas gélidas que rolam
sobre a face compondo
no calor da poesia.
Poesia que me fazem expelir
estas gélidas palavras
derretendo-as sobre
esta pálida folha
num gesto de carinho
abraçando-me e
aquecendo minha alma.
Levando-me a sentir
um Deus sempre presente
que me consola com
estas pequenas letrinhas
que ele contorna
e dentro de mim toma forma
presentiando-me em
rimas, versos e poesias.

No relento

25 de junho 2009 às 22:00

Arrebataram a batuta
que regia a sinfonia da minha vida.
Robaram as chaves
E neste mundo de tantas portas fechadas
quando recuperarei a minha
Quando sairei do relento
Quando vou poder voltar?
Será...
que meus sorrisos só reapareceram
de quando em quando...
Na aurora fria,no horizonte
enevoado das manhãs de inverno.
Num fio de esperança,
de uma Luz que me aqueça ?

Marilda Corrêa

RS

Há noites que se vestem de pesadelo

13 de julho 2009 às 2:00

A noite caiu
No céu, apenas nuvens carregadas de água...
não tinha sequer uma estrela.
Os ventos corriam numa velocidade incrível,
parecia -me estar dentro de um ciclone.
O coração batia num ritmo alucinado
provocando no peito uma dor que
a cada batida, se tornava mais forte.
A dor apertava o peito, o grito sufocava a alma
e a chuva cai numa tempestade violenta,
Os raios cortavam o céu com seus clarões como chicotadas.
Meus ossos estavam gelados, estava agoniada, angustiada,
tomada de medo as portas batiam...
O vento nos fios provocam um assvio tenebroso,
o mar estava bravo e suas ondas rebentavam
com uma violência estrondosa na beira do cais.
Em minhas mãos geladas girava as contas do terço em oração,
lembrando dos que estavam pelas ruas sem guarida nesta noite tão fria,
lembrando-me dos casebre pobres das vilas, com frestas nas madeiras,
Permaneci rezando até a tempestade parar.
Coloquei minha cabeça no travesseiro exausta adormeci.
Acordei aos prantos, me atormentaram os sonhos ...
voltei a rezar e retornoi a dormir.
Mas pesadelos me fizeram despertar
mais uma vez...
Lágrimas escorreram pela face e
molharem o travesseiro...
Novamente, adormeci, rezando...
Acordei com o corpo dolorido pelas chicotadas
da tempestade da noite passada
que se vestiu de pesadelo.

Marcus Vinícius Araújo Pereira
Natal, RN

Um tributo a natureza

11 de julho 2009 às 19:04

Para que tanto medo?
tentar se esconder
da fúria humana que castiga
sem inteligência, sem da
evolução os créditos merecer

já não basta o pão na mesa
a diversão é agir com frieza?
atacar uma criança indefesa
para afirmar sua grandeza

eu renego esse sapiens
pois não sabemos realmente nada
menos ainda fizemos por merecer
carregar em nossa genética esse poder
para destruir as mais belas formas de viver
nos eximindo da dor de reconhecer

Rossana Fidalgo
Paraty, / RJ

Não tenho tempo a perder

26 de julho 2009 as 18:09

Não tenho tempo a perder
Com sentimentos confusos
Com desejos inconstantes
 Com prazeres irreais
Não tenho tempo a perder
Com amores impossíveis
 Com amantes mutantes
 Com namorados virtuais
 Já perdi tempo demais
 Meia vida jogada fora
 Meio versos, meio ais
 E um vazio torturante
 Dizendo simplesmente:
 Você perdeu tempo demais!
 Quero alguém real
 Com sabor de gente
 Que me abrace somente
 Porque sentiu saudade
 Que venha por inteiro
 Sem eira, nem beira
Apenas porque deu vontade
Não tenho tempo a perder
 Com romantismo barato
 Com jogos de sedução
 Pra mim é sim ou não.
Não tenho tempo a perder
 Pra mim o tempo é agora
 O futuro é incerto
 E o passado foi embora...
 Já perdi tempo demais
 Meia vida é o que me resta
 Meio versos, meio ais
 E uma ansiedade sufocante
 Dizendo simplesmente:
 Você perdeu tempo demais!

Rossana Fidalgo
Paraty, / RJ

Poesia Viva

26 de julho 2009 as 18:07

Em geral, quando faço versos,
A inspiração foge as linhas
E a fonte dessa escrita constante
É simplesmente uma ilusão.

Há quem diga que pra falar de amor
O poeta precisa estar apaixonado
Mas se esquece, deixa de lado
O dom saudável da imaginação.

Amo, sem dúvida as palavras,
Que jogadas, tortas ou alinhadas
Fazem a alma serena flutuar...

A poesia viva por si só basta
Basta apenas um pensamento
E já se tem uma linha no ar...

Rossana Fidalgo

Paraty, / RJ

Grão de Poeira

19 de julho 2009 as 20:31

Não vejo rumos, nem direções...
São só estrelas lá no céu
A lua zomba deste meu amor
Sou só um grão de poeira ao léu.
E eu aqui, neste quarto frio,
São paredes, concretos armados...
E eu aqui... Num só vazio, ao lado...
Você mal nota minha existência
Até finge que vê esta paixão
Mas ignora até a minha ausência
E me chama de amor por compaixão
Mas que pretensão a minha
Querer uma estrela lá do céu
Sou só um grão de poeira, ao léu...
Não vejo rumos, nem direções
São só estrelas lá no céu
A lua zomba deste meu amor
Sou só um grão de poeira ao léu.

Antonio Ayrton P. da Silva
São Paulo / SP

Briga com Palavras

23 agosto 2009 às 1:15

Escrevi a tempo atras

Palavras que ainda brigam na poesia
Em longos tempos, em tantos acasos
Nas tentativas do passar do tempo,
Segundos de vida de uma metade sofrida
Que entram em mim, por uma oculta rima.

E agora a frente do silêncio triste
Esqueço as antigas formas de dizer,
Nem mesmo sem querer e no despiste,
Consigo construir frases, nem rimar
As palavras: oceanos, rios, luar.

Ontem

Agora quero que as palavras acabem,
Fiquem jogadas num caos desordenado,
Nas frases sem nexo, sem rimas
E quando se cala o silencio,
Que elas se sintam sozinhas.

Brigo com elas, destruo frases,
Amasso, jogo-as no lixo com raiva,
Até digo, não escrevo mais poesia,
Quero ficar no silêncio e ausência
E que se danem, se estraçalhem.

Que elas naveguem em um azul profundo,
Se percam. Caiam em um buraco sem fundo,
Que se quebrem. Embaralhem suas letras,
Fiquem incompreensíveis. Que voem ao longe,
Ao mais longe possível, ao infinito,
Se despedacem, se choquem, mas por favor:
Que Fiquem mudas pelo caminho.

Antonio Ayrton P. da Silva
São Paulo / SP

Hoje

Eu me apaixonei por palavras.
Em livros, rabiscos, Poesias,
Na voz que escuto ou falo,
Até mesmo nas minhas escritas,
Que faço sem o devido cuidado.

Isso tudo porque faltava expressões,
Queria palavras com olhares, corações,
Que tivessem cores, até mesmo amores,
E a grande pretensão de serem espelhos,
Para refletir os meus íntimos desejos.

Que bobo fui, a busca estava em mim
retratei, implorei desculpas, pedi,
Percebi que não podia ficar sem elas
E no meio do meu e do choro delas
Reuni então as letras e escrevi:

Que voem ao mais longe possível,
ao infinito até ao impossível,
Podem ficarem até mudas pelo caminho,
Mas ao chegarem no seu destino
façam sentir quem as lê, só uma frase sozinha:
Eu te amo, Amiga.

Antonio Ayrton P. da Silva
São Paulo / SP

Folha Seca

12 agosto 2009 às 12:47

A luz entre as árvores entra
sombras de galhos e folhas
mesclam-se com as retas
de uma pequena estrada
feita por uma única folha
que andava com o vento.

nevoas que cobrem
Um tempo sem canção,
Os cinzas sem formas no azul,
claro ou escuro percorrem.
As folhas já tão velhas,
voam úmidas nas brumas
com receios de rasgos
pela letras que aparecem
em seu fino corpo
ornado pelas secas seivas.

A luz entre as folhas entra
dedos percorrem páginas
letras, palavras saltam
olhos rápidos procuram
Encontro Uma folha seca
entre páginas...

(Que falta faz uma folha que foge
com a ajuda do vento em uma árvore
que possui mil folhas?
Talvez para a árvore nenhuma,
mas para o galho que a segurava
pode ser muita, principalmente se
era a última folha em seu caule,
Mas por outro lado, nenhuma folha
consegue respirar em um galho seco.)

Antonio Ayrton P. da Silva
São Paulo / SP

Quem sentiu,
Guardou uma, Que caiu,
Viu, Um andar em caos
Saberá depois, no futuro
que houve passado,
momentos, amor, procuras,
de uma folha nua
empurrada pelo vento,
Perdida uma simples rua.

Antônio Ayrton P. da Silva

São Paulo / SP

O que acontece?

10 de agosto 2009 às 22:49

O que acontece
Janelas abertas
A saudade
Um piano
Um silêncio que grita
Trovões
E as águas aparecem

Mãos tocam o preto e o branco
As Teclas apertadas
Soltam notas
Calmas
E os Olhos
Ofuscados
Por lágrimas

Lá fora
O barulho da chuva
O som das nuvens
E o canto do vento
Aqui dentro
O suor de olhos

Névoas
Abertas
Janelas
Fechadas

Murmúrios nos prantos
Nas Faces molhadas
Nas Ondas sem ar,
Nos Soluços
Que Sufocam a garganta
E na água Sem mar

Antônio Ayrton P. da Silva

São Paulo / SP

Lá fora
A tempestade
Aqui dentro
O Silencio
Das mãos ...
O dedilhar das teclas
Pretas e brancas

O que acontece?

Cinthia Saraiva
Fortaleza / CE

Verdadum Est Quase Desejaum
Verdadum Est

8 de julho 2009 às 14:30

"Verdade é aquela que desejamos que seja verdade."

(À Camila Santos Sousa).

Vejo-me tez lívida
Reencontrando a tua face.
Vejo-me folhas,
frutos e tronco
enraizado no teu ventre.
Partindo de ti e
a ti tornando,
Rebuscando teus olhos
meus.
Redescobrindo o caminho
de volta à casa.
Nos teus braços
minha morada.
Nos teus seios
doces manjares.
No teu sexo
minha luxúria.
No teu peito
meu medo do escuro.
Brotá em mim
qualquer coisa de
esperança, furtivas lembranças
nosso reinado
enquanto amantes.
Repousarei meu coração
a teus pés.
Se o pisares
e o levares às costas,
ainda assim será teu.
Este pobre possessivo coração
que não cansa
não titubeia nem estremece,
não se envergonha nem enfraquece
será a tua eterna criança.

Cínthia Saraiva
Fortaleza / CE

Sem título

8 de julho 2009

Por um muro eu
beiro.
Eu que nunca pulei
para um lado-sorte.
Roubei o teu cheiro
num lençol que eu guardei
em mim de noite.
Beiro o desespero.
Mas apenas beiro.
Não me entrego fácil.
Me enrolar inteiro
traz um sonho dócil.
Em volta o teu
cheiro:
Doce e passageiro!
Dura o tempo de um
sono
nem o de um sonho
inteiro.

Cinthia Saraiva
Fortaleza / CE

Obssessão de Escritor

8 de julho 2009 às 14:51

Eu sou escrevente
Escrivã
e por aí vou escrevinhando
meus pensamentos.
Escrevocrata não sou.
Não escrevizo as palavras.
Sou é escreva delas.
Trabalho num escrevitório
na rua dos escritores.
Por lá circulam poetas, jornalistas e
-pasmem- escrevedores também!
Escrevo para conseguir dormir
e sonho que estou escrevilando.
Quando acordo
tomo sopa de letrinhas.
Conto causos
que causam contos.
Rabisco poesias:
escreveções da alma.
Só não aprendi a escrevitar destinos.
Esses, um espertinho chegou
e escrevelou antes...

Gilson Costa
São Paulo / SP

Palavras

20 de agosto 2009 às 18:00

**Na minha estrada
Deparei
Com varias palavras
Umas diziam tudo
Outras diziam nada
Algumas tinham até gosto
Outras eram perfumadas**

**Na minha estrada
Deparei
Com varias palavras
Umas violentas
Outras apenas reticências
Algumas com maledicências**

**Palavras de acalanto
Ou de esperança
De saudade e de pranto
Palavras tudo misturada
Confusas as vezes
Na minha estrada**

**Pequenas, imorais
Ou em letras garrafais
Palavras promessas
Sussurradas com pressa
Benditas
Palavras não ditas
Amigas, inimigas
Palavras a noite
Ou em pleno dia...**

**E o que aconteceu
Na minha estrada
Juntei tudo e fiz poesia**

